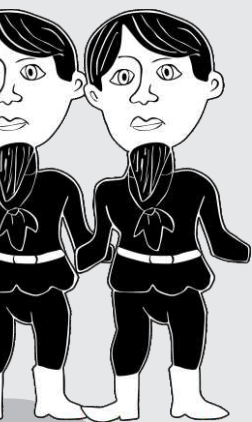


VINÍCIO CARRILHO MARTINEZ

O
CÍO
DO
FAJ
CÍJ
MO



 Latus



Universidade Estadual da Paraíba

Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (UEPB) | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

José Tavares de Sousa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPA)

Carlos Henrique Salvino Gadêlha Meneses (UEPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP)

Diego Duquelsky (UBA)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UEPB)

Germano Ramalho (UEPB)

Glauber Salomão Leite (UEPB)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UEPB)

Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Maria Creusa de Araújo Borges (UEPB)

Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes

Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística

Antonio de Brito Freire

Elizete Amaral de Medeiros

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Gilberto S. Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Assessoria Técnica

Walter Vasconcelos



Latus é um selo da Editora da Editora da Universidade Estadual da Paraíba



Editora indexada no SciELO desde 2012



Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

O CIO DO FASCISMO

(10 atos de poder sem liturgia)

Observação preliminar: apesar de ser um evidente projeto político de tomada e manutenção do poder, esse Fascismo (no cio vulgar) não tem liturgia. Como se sabe, a realização do poder sempre vem coroada de liturgias. Nesse caso específico, no entanto, não há liturgia – e por uma razão simples e óbvia: a primeira regra é ser alfabetizado. No projeto político de poder que veremos (na verdade o nosso), não há letramento, mas abundância de vulgaridade.

Segunda observação: qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência, porém toda coincidência é muito mais do que uma mera semelhança.

...

FICHA TÉCNICA DA OBRA

Editores:

Cidoval Moraes de Sousa / Efigênio Moura

Diagramação:

Ceição Rocha

Ilustrações:

Regis Ramos

Revisão:

Mônica Melo

M385c

Martinez, Vinício Carrilho.

O cio do facismo/ Vinício Carrilho Martinez. – Campina Grande/PB:
Latus,2022

24p.; - il

ISBN 978-65-00-39498-6

1. Literatura brasileira. 2. História. 3. Facismo. 4. Novela. 5. Peça
Teatral.

I.Título. II. Ramalho, Regis (Ilustrador).

CDD 852
CDU 82

PRELÚDIO

A Fênix do Mal sobrevoa o país com seu bando de urubus famintos.

Atenção!!!

Atenção!!!

(Entram em cena os dois piores demônios da história, para além da ficção)

*Demócio entra um passo à frente de Mefisto
(porém, este é maior em envergadura)*

*Ambos são tão pujantes quanto pusilânimes e pavorosos.
Um é sedento por sangue, o outro traz no olhar o cinismo da caveira que leva a foice e a decapitação da vida e da esperança.*

A flâmula com a suástica verde-amarela tem letras garrafais:

“A VIDA VEM DA MORTE”

“O TRABALHO LIBERTA”

(Essa última observação precisa de outra para ser entendida:
“negro de 10 arrobas não trabalha”)

(À plateia recomenda-se discrição, cenas de horror serão exibidas ao vivo, menos para os 600.000 mortos)

...

APRESENTAÇÃO

Esse é o cartaz anunciando a peça teatral completa do Brasil dos anos de 2018 a 2021. Também é o início deste opúsculo que, crê-se, é a síntese (inacabada) do estilo fascista aqui implantado: pré-moderno, neocolonial, neoliberal e antissocial (psicótico e psicopata). É uma súmula da terra arrasada.

Em tempos sombrios como os atuais, mas no século passado, tivemos várias obras elucidativas sobre o país. Um exemplo é a peça “Fazenda Modelo”, de Chico Buarque, além de músicas como “Pedro Pedreiro”, do mesmo Chico, e filmes como o “Engenheiro que Virou Suco”.

É incrível nossa capacidade, quase simétrica, de revoltar os mortos. Trazemos o passado necrosado praticamente "vivo", no que houve de pior. Exemplo de revolta dos mortos está nos mais de 600.000 mortos na pandemia, que poderiam, em sua maioria, estar vivos – se o governo brasileiro não os tratasse como leito de morte.

...

PERSONAGENS PRINCIPAIS

O MANDATÁRIO: essa personagem, apesar de ser central ao contexto narrativo, é uma cópia falsificada de outras representações: é analfabeto, brega, patético, ridículo, sem nenhum senso de realidade e, o pior, é psicótico e sádico. Em suma, é uma das três carapaças do demônio que nos visita – um tipo de Trindade da Besta Fera do Mal, aquela monstruosidade que o artista integral Leonardo Da Vinci chamava de bestialidade. Da Vinci diria facilmente que sua dissonância cognitiva se assemelha ao que, na antiguidade, denominava-se de “oligofrenia”.

DEMOCÍDIO: o demônio que também usa outras fantasias fantasmagóricas – agora, no primeiro ato, apresenta-se em dueto. Em outros dias, vem fumegando mentiras. Numa terceira vez, ou seja, veste-se como uma trifeta, que não é de cavalos, mas sim de bois castrados e ressentidos. Seu prato preferido é o corpo de pobres e de negros.

MEFISTO: é o carro chefe do caos planejado, um dos espelhos do triunvirato que nos recolonizou e batizou na pia do lucro fácil; na verdade, lucro difícil, porque foi obtido às custas de mais de 600.000 mortes. Todavia, é Mefisto o guardião da Terra Arrasada, o cara que deve pôr fogo em

tudo – seu ancestral (germe inoculador da demência atual do mandatário) foi Nero.

FAUNO NECROFASCISTA: também atende por “A coisa”. Tipo besta-fera, horrendo que foi capaz de bater na mãe por causa de mistura.

...

1^o ATO

Democídio

(Entra Democídio, com um livro na mão – apesar de ser analfabeto de pai e de mãe)

DEMOCÍDIO

(Aos berros):

– Esse livro é uma joça! Não li e não quero ler.

Tenho raiva de quem fala disso.

Peste é quem escreveu!

Como se atreve a me pôr na dedicatória?



EXPLICAÇÃO DA IRA:

“A Peste”, romance do argelino Albert Camus, sobre a morte anunciada perante o nazifascismo, não é páreo para as “nossas” declarações de guerra. Portanto, o primeiro ato, o mais agudo, vem da saúde pública: do “óbito também é alto”, “desliguem o oxigênio” ao “a vacina dá AIDS”.

2º ATO

Democídio e Mefisto

DEMOCÍDIO:

– Você viu essa “caminhoda”
passando aí?
Parece uma ordeira boiada...

MEFISTO:

– Tu é uma besta mesmo, hein?
Onde já se viu “caminhoda”
de boi?



Primeiro que é um punhado de caminhões alugados, mal pagos.
Segundo: boi não dirige.

Ou dirige? Realmente, esse lugar não é para amadores.

Não é verdade que esse gado aceitaria
se vacinar contra a Aftosa?

Então...

EXPLICAÇÃO:

O *segundo ato* poderia ser apenas uma coleção de "sics", erros e danos graves e letais que seguem todas as falas e ações governamentais. O *terceiro ato* viria com a negação sistemática da ciência – a ponto de decretar sua morte fâmélica por total inanição de recursos. Literalmente, nem a NASA é capaz de explicar o Ministério da Ciência e da Tecnologia. “Estado de Sítio”, uma peça teatral também do gênio de Albert Camus, é a cara do Estado Paralelo que nos "governa" (sic).

3^o ATO

Desfile ridículo

(Entra em cena um tanque de guerra. É feito de papelão grosseiro, sujo, todo carcomido pelo tempo e pelas críticas roedoras dos ratos pululantes e imbecis).

UHUU!
FORAAA!!

Cai fora, DESGRAÇA!!!

(O desfile do tanque deixa a plateia furiosa e recebe um coro de vaias que se ouvia na esplanada do botequim do seu Zé Ninguém).



EXPLICAÇÃO:

Esse sujeito, Zé Ninguém, tinha um meio-irmão, binômio, descrito por Reich. É uma coincidência com o nome do autor também, é claro, mas com a realidade nacional, o Reich em questão é o quê? Deixamos essa resposta para a plateia. Entre milícias, paramilitares e "forças engajadas ou de reserva", damos nome aos bois, melhor dizendo, ao gado servil e psicótico. Este é o *terceiro ato*.

4^o ATO

Kraken

*Ô FOME DA MOLÉSTIA!!
HOJE EU COMIA UNS
QUATRO GADOS –
SEM SENTAR.
VERDADE HEIN? USAREI
AQUELE QUARTINHO
DE COMER GENTE...*



EXPLICAÇÃO:

No *quarto ato*, Democídio, o diabo que nos consome, volta à carga. É um tipo de demônio demente que se alimenta de pobres e de negros. Imaginemos a cena, tipo um demônio Kraken (ou, na versão tupiniquim, Ahó Ahó), devorando as pessoas pela cabeça.

5º ATO

As vespas e as bestas de Mefisto: O Nero do Hemisfério Sul



MEFISTO:
(falando sozinho)

– Rapaz, tarda, mas não falha!
Aliás, não falha um.
Nem todos são o que parecem.
Porém, todos que parecem são
sim. Definitivamente, são!
Vou aproveitar a boiada passeando
e botarei fogo no Inferno.
Esse Inferno do Pai Inglório:
queima, bagaceira, queima!
Esse buraco irá virar uma chaminé
– vista para a Lua.
(ainda Mefisto, pensando alto)
– Democídio acha que a
Lua é plana.
Ele é que é pleno de
imbecilidades.
Só pode...

EXPLICAÇÃO:

No *quinto ato*, vemos todas as vespas pondo fogo nas fronteiras verdes e eliminando indígenas, para que o agrotóxico possa contaminar o rio Amazonas e o Pantanal. Parece que colocamos fogo no portal do inferno. Nem Dante iria tão longe nos anéis do seu inferno.

6º ATO

O demônio que nos espreita



(Mefistófeles – ou Mefisto, para os íntimos – volta à cena novamente, pensando alto)

MEFISTO:

– Apesar dos pesares, da jumentude brasileira que o Democídio leva com ele, até que formamos uma trifeta legal. É, tem o tal Mandatário...

Vish, quem será mais burro? Enfim, será que esse Mandatário não é aquele sujeito duas caras?

Pensando agora, acho que é sim.

Como ele chamava?

Nossa, tá na ponta da língua... como é mesmo?

Não adianta, só me lembro das duas caras, de dia uma e de noite outra.

Disso eu me lembro bem – do Lázaro e do Lazarento.

EXPLICAÇÃO:

Por falar nisso, no *sexto ato*, haveria uma combinação entre realidade e ficção. Na “Distopia Brasileira”, nome do nosso próximo livro - a ser escrito e desenhado, o diabo do Fausto (de Goethe, outro mago da humanidade) se encontra com a “acumulação primitiva” (de Marx, o maior gênio que já tivemos), e liberta o coirmão Democídio para matar os pobres de fome. Pobres que já raspam ossos na sopa do almoço. Esse ato de juntar Democídio e Mefistófeles não é brincadeira. Só mesmo mentes muito malignas para intentar algo assim. Mas, é aí que também se inicia o *sétimo ato* de nossa peça fascista.

Plateia

*A plateia seguia – meio sem som e
nem imagem – alguns mugidos,
aqui e ali.*

*Até que chega “A coisa”, um
monumento ao grotesco.*

*Ela entra solene, com cara de
panaca, e senta no único lugar vago,
na primeira fila – reservado, é claro.*

*“A coisa”, grotesca, é o Fauno
necrofascista.*

*Necrosada, “A coisa” sentou e exibiu
seus enormes chifres de Fauno –
as pontas chifrudas foram
incineradas por Nero.*



EXPLICAÇÃO:

No sétimo ato, Democídio e Mefisto fazem uma reza brava e um chá forte, com a mais poderosa raiz de Mandrágora encontrável. O povo alucinado não desconfia do lobo em pele de cordeiro. Alguns tentam tosquiá-lo, porém até mesmo gente ilustrada crê que o Brasil é uma democracia. Pelo óbvio, desconhecem o Golpe de Estado de 2016 – o que é uma boa lembrança, inclusive porque há muitos livros.

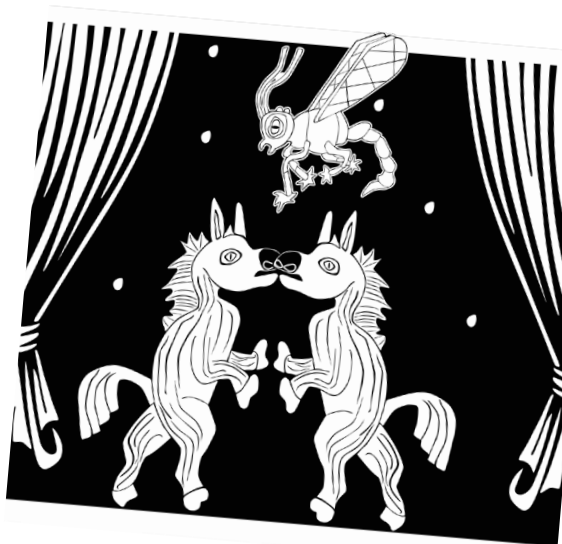
Vespas, vestais e bestas de carga e recarga

Há um enorme, enxame sobre o teatro. Soam tambores altos, depois o silêncio rotundo, mortífero.

Os técnicos da produção e da pirofagia trazem enormes caixas de som.

Invade o ambiente um zunido ensurdecedor, como se fosse um show de rock no palco de um teatro acústico: imitação de vespas, vestais e de bestas.

As bestas brigam para fazer ouvir seus relinchos



agudos, esquisitos.

As vespas parecem povoar o interior do cérebro dos presentes.

As vestais tiram proveito da sonolência, da cortina de fumaça que é lançada no palco.

As bestas, inconformadas, exigem atenção. Afinal, estão ali para a carga e recarga.

Ouve-se uma descarga ao fundo...

EXPLICAÇÃO:

O *oitavo ato* tem forte ligação com esse tema: trata-se da metamorfose do homem em baratas. Bicho nojento, sem dúvida. Contudo, Franz Kafka, não pensaria que nossa realidade pudesse ficar à frente de sua ficção macabra. Pois ficamos! Tanto é assim que, por aqui, a Mandrágora transformou o iluminismo em “Illuminati” – efeito que deixaria Maquiavel nervoso – em sua peça homônima (Mandrágora) – muito nervoso. Mas ficaria muito mais nervoso, porque a Mandrágora transformou-se num vírus, mais letal do que esse da COVID-19, já que é passada para todos os celulares.

9º ATO

Supremacia branca

Não há personagem para a supremacia branca.

Todos são caras-pálidas; na plateia não há negros, muito menos pobres.

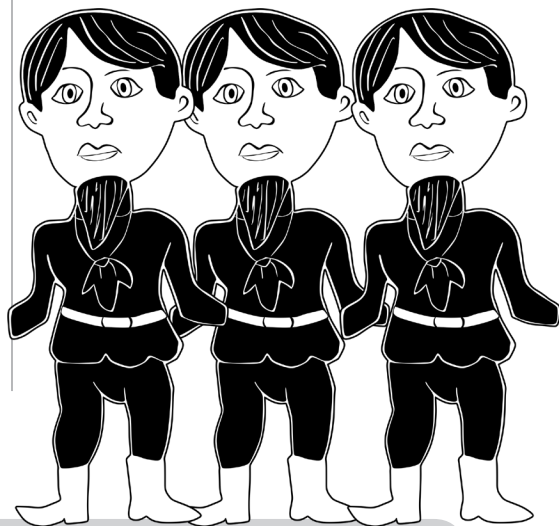
Esse ato representa uma saudação: uma “mui cordial” saudação aos pagantes.

Apesar de nenhum deles entender absolutamente nada, zero do roteiro da peça encenada, ali estavam com todo seu glamour: a mais gentil “cordialidade”.

Nenhum se admite tupiniquim, por mais anencéfalo

que pudesse ser – ou que fizesse questão de demonstrar, comprovar, a toda prova.

™ Esse ato, então, é a própria simbologia, com os anagramas mentais do Fascismo que não sai do cio.



EXPLICAÇÃO:

O nono ato é um desatino total; se é que os outros já não o são. Em todo caso, “com supremo, com tudo”, vem aí uma tal de 3ª (terceira) Via. O mais estranho é que não há “nova” alternativa. Afinal, bem no centrão da história, a tal 3ª é só a outra perna da calça apertada do mesmo Fascismo. Imaginemos um fascista com duas pernas andando de calça démodé. É isso!

10º ATO

O eterno retorno

Se o 9º (nono) ato era um desatino total, o 10º (décimo) é o destino final. Para o desfecho, a conclusão de todo mal praticado, voltam à cena Democídio e Mefisto. Como sabemos, O Mandatário é só um pau mandado, um Zé Ruela que aperta os parafusos quando é ordenado.

DEMOCÍDIO:

– Olá amigos!?
Meu gado, meu coração
Grande noite! Espetacularosa!
Teve até “caminhoda”
lá nas ruas.

MEFISTO:

– Não arrependei-vos de nada.
Muito se gratificaram aqui
conosco.
Pagaram seu dízimo ordeira-
mente, como os mais absolutos
e supremascistas do bem. Sois o
que se pode chamar de “burros
solenes”, mas sois o que sois.





Agora estão mais ricos e empastelados de nossa muito quente simpatia.

Por fim, para o ato de coroamento e juramento final, conclamo a subir ao palco nosso padrinho e bem feitor.

Com vocês, a Fera!!!

FAUNO – o chifrudo queimado:

O Fauno não fala. Solene, como a própria Besta, sobe no palco como se fosse um ringue. Mira seus dedos necrosados e sujos de sangue no fundo do teatro.

Sonha em matar quem lhe queimou os cornos. Mas, não pode.

Então, dobra-se para a plateia, tipo meio dobradiço, e lança fogo pelas ventas.

EXPLICAÇÃO:

O fim da história não é bem assim, o *décimo ato* não é o final – porque “o Fascismo é uma cadela que está sempre no cio”, como diria o dramaturgo Bertold Brecht. Então no máximo, podemos dizer que esse ovo da serpente já chocou. Poucos ficaram chocados. No entanto, como ovo podre do Fascismo, será devorado pela história no ano que vem.

INCONCLUSÃO

Não dissemos no início, contudo, vale apontar que esta peça não é recomendada para menores de 18 anos, ingênuos, crédulos na salvação do lucro fácil, eleitores e seguidores desse triunvirato.

Em todo caso, o alerta é o mesmo do início: vira e mexe o passado regurgita no país, um dia como farsa, no outro como tragédia anunciada em escala. No arremate, prelúdio do ovo clonado da serpente fascista, podemos dizer que, sob o capitalismo movido pela Teologia da Prosperidade (dinheiro fácil), não se dá extrema-unção à extrema direita.

Não nos esqueçamos jamais: a Fênix do Mal sempre ronda o país com sua corja de urubus paladinos – alguns togados, outros já despídos.

SOBRE O AUTOR

Vinício Carrilho Martinez - É Pós-Doutor em Ciência Política, Doutor em Ciências Sociais e em Educação. Professor Associado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Coordenador do PPGCTS e líder do Grupo de Pesquisa de Estudos Constitucionais do BRaS. Membro do Comitê Acadêmico do BRaS. Editor Associado do BRaS-J. <https://www.defesadacf88.ufscar.br>





*Tu, pessoa nefasta
Vê se afasta teu mal
Teu astral que se arrasta tão
baixo no chão
Tu, pessoa nefasta
Tens a aura da besta
Essa alma bissexta,
essa cara de cão.*

(Gilberto Gil,
“Pessoa Nefasta”)

